

viva voz

Caderno Virtual Nº 01

Maria Auxiliadora da Fonseca Leal
organizadora

Ensaio
Novas Perspectivas

Belo Horizonte
FALE/UFMG
2003

Coordenadora da Câmara de Pesquisa
Profa. Dra. Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen

Composição
Annabel Rocha de Castro

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA
Núcleo de Assessoramento à Pesquisa
Faculdade de Letras da UFMG
Av. Antônio Carlos, 6627 – Sala 4015
31270-901 – Belo Horizonte – Minas Gerais – BRASIL

Telefones: (0_31) 3499-5133/6006
Telefax: (0_31) 3499-6007

Apresentação

Na presente coletânea publicam-se alguns textos produzidos pelos alunos da disciplina *Oficina de Texto: ensaio*, ministrada pela professora Maria Auxiliadora da Fonseca Leal, durante o segundo semestre de 2002.

Sabemos que o ensaio, originariamente, era um comentário breve, informal e não concludente. Atualmente, o termo é um comentário livre de natureza reflexiva e teórica acerca de um fenômeno. Como resquício primitivo, conserva ainda o significado de estudo não definitivo e sim uma primeira tentativa de sistematização de idéias sobre determinado assunto, um ensaio de fato. Daí a importância do “gênero” em produções contemporâneas.

Quero dizer que esta coletânea é o resultado de um exercício de escrita e “reescrita” experimentada por alunos do Curso de Letras da FALE/UFMG. Este exercício só foi possível por acreditarmos que a sala de aula é o espaço privilegiado para a prática da “escritura”. Creio que escrever “bem” não é dom, é prática, e, somente através dessa prática, é possível aperfeiçoar/refinar o texto, aqui concebido como um produto não acabado, um ensaio.

Por fim, agradeço à comissão julgadora constituída dos seguintes alunos: Andréa Faria, Andréa P. e Silva, Andréa Viola, Nalda Bastos, Sebastião Silva e Vanessa Santos.

Maria Auxiliadora da Fonseca Leal

NOTA: Os “textos-ensaios” são de responsabilidade de seus autores.

Sumário

1. A Mentira	5
2. Ainda sob a cruz e a espada	6
3. Âmago da Angústia	8
4. Crítica e Escritura	9
5. Da Guerra e da fome – Ensaio à moda de Montaigne	11
6. Fernando Pessoa	14
7. Infância: o jardim da vida	17
8. Mais perto de Deus – Um ensaio à moda de Montaigne	18
9. Montaigne e Os Ensaios	20
10. Os Gêneros Textuais, as Variações lingüísticas e o Ensino de Língua Portuguesa	22
11. Produção de textos escritos: por que tantos fracassos?	23
12. A Sociedade do Ser	25
13. Compreendendo a linguagem, desenvolvendo a comunicação	29
14. Uma pena ao acaso	32
15. Voz e Representação no Romance <i>Cidade de Deus</i>	35
16. A Solidariedade é a Mãe de Todas as Virtudes	38

A Mentira

Muitas vezes, atribui-se às crianças o dom da imaginação. São elas as responsáveis pela criação de histórias as mais mirabolantes, que freqüentemente entretêm e divertem os mais velhos.

Minha imaginação, no entanto, nunca foi das mais apuradas. Na escola, por exemplo, uma de minhas maiores dificuldades era produzir textos narrativos, apesar de minha considerável desenvoltura na arte da escrita. Meu recurso era pedir que os amigos criassem a trama principal, tendo eu, apenas o trabalho de colocá-la no papel, acrescida de alguns detalhes. Agradeço pelo que hoje considero uma virtude, visto que a falta de imaginação me impede de inventar ou mesmo deturpar os fatos que relato a outrem. Isso seria, em outras e mais diretas palavras, mentir, e a mentira é, segundo minha consciência, uma das mais abomináveis faltas que pode cometer o ser humano. Mentir não exige esforço algum. Porém, pode acarretar conseqüências desastrosas. Um simples engano, um único detalhe ignorado pode vir a revelar verdades que não deveriam ter sido escondidas. No caso de casais infelizes ou insatisfeitos, por exemplo, a mentira é a primeira de muitas traições, e a boa imaginação torna-se imprescindível quando se quer enganar o parceiro. Inconscientemente, o mentiroso transforma a mentira em aliada indispensável, tornando-se dependente da mesma. Para todos os efeitos, no intuito de exterminar esse mal que “aprisiona” o ser humano, faz-se necessário cultivar valores como a paz, o amor e, essencialmente, a sinceridade.

Adriana Oliveira

Ainda sob a cruz e a espada

As cruzadas foram a verdadeira primeira guerra mundial. Se a motivação dos nobres cruzados fosse apenas econômica, adquirindo terras e colecionando pilhagens, não teria sido preciso extrapolar os limites.

O poder de persuasão da Igreja Católica era tão grande que até nos gêneros alimentícios de suas tropas os nobres economizavam sob o discurso do sacrifício da penitência para absolvição dos pecados. Se o objetivo era a conquista da “Terra Santa” os índios brasileiros poderiam ter dito aos portugueses da Ordem dos Templários: “Jesus não andou por aqui”.

O preço da Terra prometida com certeza é muito alto. A audácia dos cruzados abalou o tão sofisticado Islã e tamanha barbárie não apenas deixou cicatrizes profundas, mas feridas abertas visto hoje de santa a guerra de Israel não tem nada. No cerco de Antióquia, cidade do califato Abássida, os cristãos “catapultaram” cabeças de seus próprios reforços. É uma vergonha que isto tenha acontecido no sentido concreto e abstrato, pois, se a filosofia era uma serva da religião, provavelmente ela cometeu alguma traição muito grande, e o castigo recebido foi impedir seu desenvolvimento, através da destruição de muitas mentes humanas.

Mas nem tudo foi perdido, o intercâmbio cultural com os árabes, com as filosofias pagãs, a engenharia náutica e das construções e uma nova ordem social propiciaram uma maior universalização do conhecimento em relação aos períodos anteriores, haja vista a criação das universidades.

Por ventura, a conquista da Terra Santa falhou e o mundo acorda do pesadelo sob o brilho solar do Renascimento. Da confiança suprema na ciência plantada pelo método, a revolução sem armas, a industrial, traz esperança para a nova

ordem dos capitalistas e a coisificação humana tem apenas seu início.

Surge então, após as duas chamadas grandes guerras mundiais, o império do terror, os Estados Unidos da América. A potência americana apresenta suas armas, a bomba atômica, de fácil visualização por todos e, a partir daí, seus tentáculos agudos através de um altruísmo hipócrita em tudo que pode significar um aumento de divisas. Essa cruzada americana se intensifica a cada dia, justificada como uma guerra religiosa para salvar o mundo do fanatismo islâmico.

Em que ano estamos então?

Somos habitantes de um universo, em pleno século 21, vítimas de atrocidades com graus de requintes cada vez maiores, e amedrontados com o fio da espada do abominável Tio Sam, que pode ceifar a qualquer momento milhares de vidas inocentes. Assistimos então, todos cheios de orgulho após um dia de trabalho cumprido, ao noticiário televisivo que com suas abordagens superficiais e sensacionalistas, nos isenta de pensar no retrocesso da nossa civilização.

Sheila Nara Leão

Âmago da angústia

O livro *Narciso e Goldmund* de Hermann Hesse retrata a vida de um jovem que desiste de ser missionário e vai em busca das surpresas do mundo. Goldmund, o jovem, conhece o amor e o prazer da conquista e sedução. Em nenhum lugar, porém, ele consegue se estabelecer. Sua vida caminha conforme seus desejos e angústias: se uma situação começa a angustiá-lo, Goldmund simplesmente muda de lugar, de mulher, de vida. Ele usa de sua beleza e carisma para seguir esse caminho.

É muito mais fácil fugir da dor da angústia a enfrentá-la, ou sentir seu âmago, dessa forma, no entanto, passamos a viver na superfície da vida e nossos valores são banalizados. Hoje em dia, as pessoas estão se relacionando umas com as outras como se relacionam com mercadorias: ao enjoar joga-se fora.

Nosso protagonista vai levando essa vida de bonachão até perceber que os anos se passaram e que sua imagem, seu corpo físico, não mais o ajudava, não mais o permitia viver como antes. E, como nada havia construído até então, fica a mercê da boa vontade dos outros. Novamente, Goldmund encontra com sua angústia, a qual ele nunca enfrentara, só que dessa vez ele não tinha mais uma boa saúde e um físico que seduzisse as pessoas, tendo dessa forma de encarar seu lado obscuro.

Se nos submetermos a viver só na superficialidade, na materialidade da vida, chega um momento em que nosso ser se encontra vazio, por nunca termos nos preocupado em nos preencher de verdade, em enxergarmos como somos, desde nossos sentimentos mais prazerosos aos mais tenebrosos. Goldmund teve que se deparar com esse vazio após passar sua vida toda a construí-lo.

Devemos usar de nossa juventude, de nossa saúde para conhecermos a nós mesmos e os que estão a nossa volta. É interessante que enfrentemos nossas angústias durante toda nossa vida para que possamos construir algo mais forte, mais consistente dentro de nós mesmos, para que não nos deparemos com o vazio quando nem mesmo nosso corpo tenha mais forças para nos sustentar bem como a nossos caprichos.

A salvação de Goldmund é Narciso, seu amigo, que passou a vida no seminário envolto a seu universo interior. Narciso leva seu amigo, agora idoso, de volta ao seminário e lá Goldmund começa a construir algo para si. Todos temos um Narciso dentro de nós pronto a nos ajudar a nos encontrarmos, basta que o escutemos para que não sejamos engolidos pela angústia que existe em cada um de nós.

Nina Nunes Soares

Crítica e Escritura

A noção de escritura foi e é ainda discutida entre os teóricos e filósofos. Foi primeiramente introduzida por Roland Barthes em *Le degré zero de l'écriture* (1953); sendo primeiramente definida como “Uma realidade formal entre a língua e o estilo e independente de ambos”.

Barthes define a escritura como uma espécie de estigma do escritor que através do seu tempo deixa transpor suas idéias, ideologias e até mesmo sua moral. Mais tarde, o referido autor observa que a relação com a sociedade já não basta para caracterizar a escritura, seria necessário englobar o inconsciente e a fusão de pensamentos.

Perrone-Moisés (1978) afirma que “toda produção textual tem um caráter crítico com relação ao mundo e à linguagem”, mantendo, porém, cada uma suas próprias características, sendo elas originárias de autores de uma mesma nacionalidade.

Ao dialogar com o esquema de Jakobson (Linguística e Poética) em que a linguagem é encarada como meio de comunicação, a escritura é vista de forma diferente, ou seja, como desorganizadora do sistema comunicativo e que produz uma significação circulante.

O sujeito que escreve é um ser mutante, que procura fazer-se entender, talvez não tanto o seu código, mas sim sua mensagem através dos tempos. O texto é seu lugar de expressão.

Através do ensaio *Crítica e escritura*, de Perrone-Moisés, é possível observar o desenvolvimento conceitual da linguagem escrita, em especial a Escritura e concluir que as várias manifestações textuais fazem parte de um processo onde sujeito e sociedade são postos em constante transformação.

Vanessa Santos

Da guerra e da fome

Ensaio à moda de Montaigne

Atualmente ouvimos falar de fome e guerra com muita frequência. Parece que, de repente, descobrimos que existem milhares de pessoas, seres humanos como nós, que passam a vida inteira com aquela sensação de “queimor” constante no estômago. Mas isto não é um fato novo na história da humanidade. Durante séculos e séculos muitos têm morrido pela escassez de alimentos.

Muito se tem especulado sobre a origem da humanidade. Rousseau, um grande filósofo, acreditava no mito do bom selvagem e num tempo primordial em que não havia ódio, guerras nem noção de propriedade. Natureza e homem viviam em perfeita harmonia até que alguém disse “isso é meu”. Podemos imaginar que nesse tempo de idílio a fome também não existia. Tanto para Rousseau como para outros pensadores, desde que o homem deixou para trás o paraíso seu destino tem se mostrado sombrio.

Ao passar por uma banca de jornal essa manhã, me deparei com uma charge num periódico diurno. Havia um globo terrestre no centro do desenho com duas faces contrárias. De um lado, a face estava de boca aberta para que pudesse ser alimentada por um famoso político atual que quer acabar com a fome em seu país e, se possível, no mundo. Do outro lado, um outro político, líder mundial de uma poderosa nação, apontava um míssil para a face amedrontada. As duas faces de um mesmo globo.

A inferência que eu pude fazer diante de tal charge é a de que o mundo está dividido entre duas possibilidades diferentes, numa postura paradoxalmente passiva.

A guerra é um evento que nos acompanha desde que a história começou a ser escrita. Em cavernas, com desenhos pré-históricos podemos verificar cenas de homens lutando contra forças da natureza e uns contra os outros. Certo cientista afirmou que se contássemos os anos de guerras, seja entre povos, tribos e nações, de uma forma linear, como numa linha de tempo, não teríamos um período de paz superior a dez anos.

Então, por que devemos ficar assustados diante de uma eminente guerra? Elas não fazem parte da história da humanidade? Quantos impérios se levantaram e quantos tiranos foram depostos por causa de guerras? Quantos povos foram dominados e dominaram?

Uma das obras mais vendidas em nosso tempo é “A arte da guerra”, de um autor chinês. A obra é milenar e qualquer leitor de qualquer área de empreendimento tem o desejo, ou até mesmo recebe a recomendação de, não somente ler, mas tê-la como obra de referência para ser um grande vencedor.

Nos tempos passados os jovens cresciam, se formavam e eram educados para a guerra. Na Grécia, a educação de um soldado começava ainda na infância. Na Europa de Napoleão, o heroísmo e a busca pelo perigo incentivavam jovens à luta. Na América, os nativos, que chamamos de índios, educavam seus filhos e jovens para batalhas que iriam travar contra tribos rivais. Pelo menos no caso dos nativos americanos o motivo para a guerra era a sobrevivência. Muitas tribos eram provisões de outras. Conhecemos histórias de índios antropofágicos que nos arrepiam até hoje.

Podemos dizer que a motivação de muitas guerras tenha sido a fome. Podemos até acreditar que, na pré-história, os homens disputavam o almoço. Quando Rousseau supõe que o que degenerou a humanidade foi a idéia de propriedade, estaria ele pensando em posse de mantimento? O mundo de hoje nos assusta por todos os conflitos armados em andamento. As

motivações desses conflitos, que podem trazer uma guerra, são religiosas, econômicas, étnicas, mas não por mantimentos.

Se um dia pudéssemos justificar os soldados franceses da época de Napoleão, por todas as atrocidades que cometeram, poderíamos alegar que aqueles jovens não tinham o que comer, viviam em completo estado de miséria e que a guerra fora para eles uma forma de matar a fome. Podemos até tomar como prova dessa afirmação os saques às cidades conquistadas. De certa forma poderíamos até perdoar um povo que, para garantir sua sobrevivência, faz guerra contra outro; afinal de contas, a maioria de nós acredita ser parte de um ecossistema que tem como critério de seleção natural o extermínio dos mais fracos.

Mas o que justificaria uma guerra hoje? Talvez acabar com a fome seja uma tarefa muito mais difícil que começar uma guerra.

Marisa Anastácio

Fernando Pessoa

Falar sobre Fernando Pessoa é como traçar um vácuo. É um nada que comporta um tudo. É angústia e ao mesmo tempo salvação. É retratar o ser e o não-ser. É falar do que somos, do que não somos e também do que poderíamos vir a ser. É tratar da questão da “identidade”, quando nem ao menos se sabe se existe uma. É abordar um sujeito cindido, o qual não se sabe se já foi uno. Pessoa é tudo e nada, no paradoxo perfeito do não-ser.

Fernando Pessoa, o revestido por uma “máscara”, o ausente de “eu”, o sujeito cindido em vários “eus” pelos caminhos da linguagem, e que não conseguiu retornar a si, pela perda ou inexistência de uma identidade.

O “eu” que aqui emprego, partindo da psicanálise, é visto enquanto instância simbólica (não necessariamente o próprio símbolo) de (re)conhecimento para o sujeito, sendo o eu distinto de sujeito. O (re)conhecimento, segundo Lacan, se faz através do “outro”, afinal, como disse Rimbaud: “Eu é um outro”, e “para formar-se, o um precisa de sua negação: o outro” (PERRONE-MOISÉS, 1990, p. 26).

Na busca da identidade o *eu* volta-se para o outro. No nível discursivo o “Je” transforma-se no “*Moi*” o ele ficcional, que em Pessoa converte para o “ele sem rosto”, o neutro de Blanchot (1987. p. 19; **negrito meu**):

“Ele sou eu convertido em **ninguém**, outrem que se torna o outro, é que, no lugar onde estou, não possa mais dirigir-me a mim e que aquele que se me dirige não diga ‘Eu’ não seja ele mesmo.”

Na poesia, o Eu torna-se o eu-lírico, a máscara do sentir, pensar, agir e dizer, afinal:

“O poeta é um fingidor
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente” (O.P., p. 164).

Qual a essência de Pessoa? Impossível a capturarmos em sua obra, inútil buscá-la em seus heterônimos e homônimo, isso é apenas sonho, pois Pessoa não é:

“Estava o Fernando Pessoa, mas é como se não estivesse O
Fernando Pessoa sente as coisas mas não se mexe,
nem mesmo para dentro” (O.P., p. 249).

Pessoa, de acordo com Perrone-Moisés, é uma máscara sem rosto. Assim, não podemos alcançá-lo, e quanto mais achamos que nos aproximamos, mais nos distanciamos, pois ele é um sujeito vazio: “Começo a conhecer-me. / Não existo” (O.P., p. 413); o vácuo-Pessoa, como ele mesmo apresentou-se em um de seus poemas.

Para conhecer-se é preciso navegar no campo alheio/do Outro, e Pessoa perdeu-se ou não se encontrou nessa navegação. Ele, que é mais que um “supra-Camões” é um mito sobre o qual não se pode fechar nenhuma conclusão, porque não podemos entendê-lo em toda a sua plenitude, às vezes, mesmo nas pequenas partes já é pretensioso.

Várias são as hipóteses sobre a criação heteronímica em Pessoa, que abarcam desde a religião, mesmo o aspecto mediúnico, até a genialidade da desestruturação do autor/escritor, proporcionada por Fernando Pessoa. Digo hipóteses porque jamais conseguiremos chegar a profundidade da pessoa Pessoa. Para Perrone-Moisés (1990, p. 73), os heterônimos de Fernando Pessoa são “os cobrimentos de uma falta”. Uma falta advinda desse sujeito vazio que é Pessoa.

É difícil definir em Pessoa o que decorre do quê: se o *Eu* vazio (máscara sem rosto), ao se voltar para o outro na busca de

identidade no discurso, cria, pelo desdobramento, os heterônimos, e não consegue voltar a si, porque não existe o *eu*:

“Falta de ser e excesso de desejo fazem explodir o sujeito que, ao tentar reunir diversos eus posições num conjunto, precipita-se, pelo contrário, na experiência da dispersão sem volta” (PERRONE-MOISÉS, 1990, p. 73).

Ou se, ao tentar se preencher/(re)conhecer no Outro, Pessoa, esse Eu inacabado, constrói seus heterônimos: “Este outro que é o eu, ou mais exatamente sua imagem” (LACAN, 1985, p. 297), cingindo-se então e transformando-se no “ele sem rosto”, por perder sua identidade na busca da mesma; tornando-se assim o Outro não identificado: “Entre um sujeito e outro, desponta o Outro, o Neutro, o Fluido” (PERRONE-MOISÉS, p. 22), devido à carência do Eu.

Em qualquer das duas hipóteses o que nos resta é um Pessoa não-pessoa, um Pessoa cindido no Outro, perdido no Outro, sem chances de resgate. E a sua genialidade ainda não-alcançada em nenhum outro poeta faz dele um poeta brilhante e atemporal, uma vez que sua obra não se limita a um espaço-tempo, antes ultrapassa-nos de maneira arrebatadora. E não há como fugir a isso, pois negar Pessoa é negar a si próprio, evitá-lo é viver pela metade, não lê-lo é morrer aos poucos, compreendê-lo é renegar a sua essência.

Andréia Silva de Faria

Infância: o jardim da vida

Era assim. Acorda, menina! Tomava banho e me vestia, ainda tonta de sono. Depressa, filha! Não se atrase! Tomava meu café já no interior do carro, de onde observava o raiar da vida. O sol ia surgindo aos poucos, assim como os pássaros e as pessoas.

Trim... O barulho, várias vezes... Trim, trim, trim... Dois vezes dois? Quatro! Respondia, na esperança do aproximar da tarde ser mais ligeiro.

Durante o caminho de volta, ficava observando as frutas maduras presas às árvores. Deliciosas. Apetitosas. Desce daí, menina! Você vai cair! Não, mamãe. Quero colher jabuticabas.

No fim da tarde, a reunião da turma. Esconde-esconde, rouba-bandeira, queimada, pare-a-bola... Brincadeiras que anos mais tarde foram substituídas por computadores, vídeo-games, televisão, e-mail... A evolução dos tempos e da tecnologia.

A infância passa. Cresci. Responsabilidades. Mas a essência ficou: pureza, alegrias, o bolo de fubá, as músicas que eu tocava na minha vitrolinha, o barulho do carro do papai, que chegava cansado, mas cheio de amor e carinho... Coisas que marcam e que propiciam o crescimento de frutos no decorrer da vida – bonitos e vistosos, como aqueles que eu colhia nos idos dias da minha infância!

Andréa Ferreira Viola

Mais perto de Deus - Um ensaio à moda de Montaigne

“Não sei quem – ou o que – formulou a questão. Não sei quando foi formulada. Nem me lembro se a respondi. Mas em algum momento eu disse “SIM” a Alguém – ou a Alguma coisa –, e a partir desse momento tive certeza de que a existência tem sentido e que, por isso, minha vida, em entrega pessoal, tinha um objetivo”. (DAG HAMMARSKJOLD, Markings - Marcas).

Ouvi certa vez a história de um homem que desejava fazer de seu filho um bom ateu. Esse homem esforçou-se ao máximo para que sua criança não tivesse qualquer contato com religiosos, dentro de casa não era feita nenhuma menção sobre Deus ou qualquer crença. O menino jamais ouvira orações ou cânticos religiosos. Um dia, o pai resolveu observar o que o filho fazia todos os dias no quintal de sua casa quando ia brincar. Ficou estarrecido ao ver que o menino se inclinava diante de uma frondosa árvore, colocava presentes que eram seus próprios brinquedos, enfeites e até alimentos. Aí ficava durante 20 ou 30 minutos contando segredos, cantando ou em uma profunda reflexão como se estivesse meditando.

Antigos sacerdotes israelitas, pertencentes a uma das doze tribos de Israel, faziam os serviços do tabernáculo. Em uma determinada época do ano o sumo sacerdote deixava sua casa, guardava-se de todo tipo de contaminação com o objetivo de preparar-se para entrar no lugar mais importante do “templo”: o “Santo dos Santos”. O sacerdote não dormia na noite anterior para que não tivesse sonhos impuros. Mantinha-se acordado lendo e meditando em textos sagrados.

No pé do sumo sacerdote era amarrada uma corda pois se ele morresse ninguém poderia entrar para retirá-lo, teriam que puxá-lo através da corda. Esse homem cria que iria encontrar-se com Deus, um descuido, então, poderia custar-lhe a vida!

Diante do véu que protegia o “Santo dos santos” dos curiosos “o sacerdote tomava um punhado do santo incenso e o colocava sobre brasas, criando uma espessa nuvem de fumaça perfumada” (TENNEY, Tommy. 1998:82). A fumaça o protegeria da exposição física. Impediria que fosse instantaneamente exterminado.

Existem aqueles que matam em nome de uma religião ou até mesmo em nome de Deus pensando que estão fazendo algo para agradá-lo. “Os assassinos, tribo da Fenícia, gozam entre os maometanos a reputação de serem devotos e castos. Consideram que o caminho mais curto para o paraíso consiste em matar alguém de outra religião” (Ensaio: *Da virtude de Montaigne*, p.392).

Uma senhora, cujo nome é Bilquis Sheikh, nasceu no Paquistão. Esta rica muçulmana conta que começou a aprender o árabe com quatro anos de idade. Ela sempre ouvia a história de como o anjo Gabriel deu a Maomé as palavras do Alcorão. Bilquis levou sete anos para ler todo o livro santo, o Alcorão, pela primeira vez e continuou lendo-o mesmo que fosse por obrigação.

Todas as manhãs ela era despertada pela cantilena que dizia: “Não há Deus a não ser Alá: E Maomé é seu profeta” (SCHNEIDER, Richard. 1985:12, 25 e 26).

O relato não revela nada de especial para quem está habituado com a cultura daquele povo, o que surpreende é a conversão dessa senhora ao cristianismo após quarenta anos de idade. Deixou Alá por Jeová e o profeta Maomé por Jesus Cristo.

Não é um fato isolado. Conhecemos a história de São Paulo que, após ter tido uma experiência sobrenatural a caminho de Damasco, deixou de ser perseguidor para ser perseguido, deixou de ser um fervoroso fariseu, conservador e guardador das leis judaicas, para ser um cristão. Deixou de ser Saulo para ser Paulo (Atos do Apóstolos, cap. 9).

Alguém poderia dar um passo de fé crendo que Deus existe e que tudo faz sentido? Alguém em nossos dias ousaria deixar seus antigos conceitos para viver um novo estilo de vida? Podemos questionar se essa é uma prioridade na vida do ser humano: estar mais perto de Deus, ou se tais fatos ocorrem por acaso ou porque alguém cansou de esperar uma resposta dos homens.

Andréa Cristina Rhossard Prado e Silva

Montaigne e Os Ensaios

Montaigne, em seus ensaios, sempre procurou tratar de temas do cotidiano épico de forma introspectiva e individualista. Por viver no período humanista, século XVI, descentralizou a figura de Deus e voltou-se para o homem, aconselhando-o sempre a buscar em si mesmo a resposta para as suas dúvidas.

No decorrer de sua vida, leu muito, principalmente os pensadores clássicos. Teve educação rígida e formou-se em Direito. Na faculdade conheceu vários amigos, com os quais debatia os temas do momento.

Sua obra tratava de assuntos diversos. Escreveu três livros, separados em capítulos (ensaios), onde retratou temas gerais e sua própria imagem (pintura), que na maioria das vezes era sujeita a críticas.

Hoje, se vivesse em um país onde podemos notar grande desigualdade social e desrespeito pela figura humana, Montaigne teria, certamente, sua cética opinião. Com os efeitos da globalização, os canais a cabo e as dívidas externas brasileiras, o país se desgarrou de suas origens e as pessoas vivem hoje a mercê de banalidades. O que acontece no exterior muitas vezes é refletido aqui, de maneira não tão saudável. Como dizia Montaigne, o homem deve procurar se encontrar em torno de si mesmo, através de sua memória e de boas relações de convivência. Só dessa forma poderá descobrir seu verdadeiro “eu” e encarar de frente seus problemas sem precisar se rebaixar ou se esquivar perante sua condição.

Se vivo estivesse, hoje teria assuntos os mais diversos a tratar. Não perderia a oportunidade de focar precisamente os focos do mal estar social a que somos submetidos.

Marco Antônio Carvalho de Menezes

Os Gêneros Textuais, as Variações Lingüísticas e o Ensino de Língua Portuguesa

Os gêneros e tipos textuais são a nova “coqueluche” das discussões acadêmicas, envolvendo grande número de pesquisas. Isto para nós, futuros professores, pode ser muito enriquecedor, uma vez que os gêneros podem nos conduzir a uma nova metodologia para o ensino de língua materna. Por meio dos gêneros podemos, ainda, levantar outro assunto de primordial importância para o ensino de língua portuguesa: a variação lingüística.

Tanto os gêneros quanto as variações podem tornar o ensino de língua portuguesa mais lógico e eficiente e podem, ainda, ser nossos instrumentos para acabar com a visão monolítica da língua, a qual admite um único padrão como sendo o certo. Os gêneros textuais comprovam que temos “regras” diferentes para cada tipo de texto, sendo assim, não escrevemos um e-mail com a mesma formalidade que escrevemos um ofício para a reitora. Não temos um gênero melhor que o outro, todos são suficientemente bons para as funções/objetivos a que se propõem. Dessa forma, temos padrões diferentes porque cada gênero exige um determinado padrão. Não escrevemos com a mesma formalidade sempre, às vezes precisamos ser mais formais e às vezes menos.

Nesse âmbito, podemos associar os gêneros às variações lingüísticas. Por exemplo, os textos de cordel são escritos para serem lidos, por isso obedecem às “regras” da fala e não às da escrita; tentar transformar esses textos orais em textos escritos seria desrespeitá-los, pois eles não foram feitos com esse

intuito. Gêneros textuais e variação lingüística estão intimamente

relacionados. Temos as variações porque temos vários gêneros, cada um escrito de forma a atender a determinadas finalidades.

Sabendo disso, podemos pensar novas formas para o ensino de língua e trabalhar com atividades que discutam essas diferenças. Insistir no erro de ensinar apenas um padrão para os alunos pode até ser mais fácil, mas não resolve os problemas reais que os alunos terão ao longo da vida, pois o padrão tão empregado pela escola é apenas um entre vários outros. Temos, sim, que ensinar dentro de um determinado padrão, mais formal, no entanto, apresentá-lo como sendo o único significa reduzir os horizontes dos alunos e não expandi-los que é o papel da escola.

Regiane Viana de Oliveira

Produção de textos escritos: por que tanto fracasso?

O professor de português enfrenta, infelizmente, um número muito grande de obstáculos para realizar um bom trabalho: cobranças por parte da diretoria da escola onde trabalha, carga horária incompatível com o conteúdo programático, dentre outros. Com certeza, um dos maiores problemas que nós, professores da nossa língua materna, encontramos são os materiais didáticos relacionados à produção de textos escritos

que estão disponíveis no mercado. E este problema é ainda maior quando tomamos por exemplos as cartilhas direcionadas aos primeiros anos escolares – períodos de alfabetização.

Quando a criança ingressa na escola, ela só conhece uma modalidade da língua: a fala. E por isso, muitos dos problemas apresentados por ela no momento da produção de textos escritos podem ocorrer em consequência da criança tentar transpor para a escrita suas reflexões acerca da modalidade oral e das suas experiências com a fala. É claro que isso não quer dizer que a fala e a escrita sejam modalidades completamente diferentes entre si: apesar de cada uma delas ter suas próprias regras de realização, as regras que estruturam a fala também podem estar presentes na escrita e vice-versa.

Sendo assim, o trabalho da escola seria apenas o de aperfeiçoar os conhecimentos da criança, já adquiridos durante seu aprendizado de fala, colocando-a em contato com todo tipo de linguagem escrita que fosse possível e, na medida do possível, explicitando a diferença entre as duas modalidades, esclarecendo as idéias de variação e adequação lingüísticas. Ora, a criança é falante nativa da língua e, é claro, conhece muito bem todos os mecanismos para a produção de um bom texto, já que ela o faz quando produz um texto oral.

Então, por que nós, professores de língua portuguesa, encontramos tantos problemas nas redações de nossos alunos, já que eles, em todos os anos escolares, têm contato com a produção textual? A resposta é simples: os materiais didáticos desprezam a modalidade oral como se ela fosse totalmente desviada da norma culta e iniciam suas lições de coerência e coesão textuais como se o aluno não soubesse criar ligações entre suas idéias. Portanto, não é um caso de os alunos não conhecerem os mecanismos de produção textual; o fato é que eles não conseguem transportar para o papel os conhecimentos que já possuem e usam durante a fala. E a causa mais provável

disso é a concepção de texto escrito que lhes é passada desde os primeiros anos escolares.

Vemos, pois, que nem sempre o fracasso nas redações escolares é culpa do professor e, sim, da metodologia precária que alguns manuais insistem em aplicar aos alunos. É dever da escola mostrar quais são os mecanismos característicos da escrita, pois este é um conhecimento que o aluno não possui e que sempre lhe será exigido no mercado de trabalho. Mas, a melhor maneira de se fazer isso é inserir o aluno no contexto da língua escrita, através da leitura de todos os tipos de textos – sem desconsiderar, no entanto, a língua oral que já faz parte do seu aprendizado lingüístico.

Andréa Ferreira Viola

A Sociedade do Ser

A questão apareceu-me quando eu assistia a um show de uma banda chamada “Cordel do Fogo Encantado”. No dia anterior havia estudado alguns capítulos do livro “A letra e a voz”, de Paul Zumthor. Na hora não compreendi rapidamente o porquê, mas havia algo nas letras repentistas e nos improvisos poéticos que o vocalista/repentista fazia que me lembrava muito do que eu já havia lido a respeito dos bardos e trovadores da idade média. Senti, então, num misto de susto e alegria, que antigas vozes estavam acordando... Mais uma vez.

Uma autêntica guerra ideológica e religiosa ocorrera nas mais recônditas profundezas da idade média. A sociedade era formada não por homens de letras, mas por homens de voz. E assim foi por muitos séculos, até que aos poucos a igreja foi disseminando “a palavra” do Senhor por toda parte, sem deixar de lado o fator elitista, pois somente membros do alto clero poderiam ter acesso às bibliotecas e aos ensinamentos concernentes à escrita.

Obviamente a questão não foi aceita com tanta facilidade. Um livro seria visto como algo de imenso poder mágico. Tanto que a palavra francesa “Grimoire”, que faz referência a algum tipo de receita mágica, vem do latim “Grammatica”. Como o clero aos poucos ia ganhando supremacia sobre praticamente a Europa inteira, ninguém chegava a questioná-los.

Tratou-se da mais perfeita estratégia. De um lado o fator Cristão-erudito-escrito enquanto que do outro o fator Pagão-popular-oral. Acontece que os povos pagãos eram no princípio um grupo muito mais numeroso, voltado para suas raízes, suas tradições e festivais. Seu protesto estava em sua atitude e em seu número. Os cristãos, por sua vez, tiveram em suas mãos algumas vantagens bastante significativas como ouro, terras e propaganda suficiente para tornar Cristo, seus santos e seus papas em verdadeiros “pop stars”. E o mais importante: a capacidade de produzir escrituras que, ao menos em tese, preservassem inalteradas as tradições que eles mesmos criaram. A longo prazo, enquanto culturas antigas inteiras desapareciam no pó dos séculos, livros muitíssimo empoeirados eram guardados nas mais respeitadas abadias, não só preservando mas também induzindo as futuras gerações a manterem a continuidade da Estória, até que se tornasse História.

Filólogos e historiadores do mundo inteiro não param de se perguntar como exatamente foi esse processo de transição. A principal base para suas questões está nas culturas existentes

que ainda guardam um pouco das tradições de cunho oral como a África, alguns lugares no Oriente Médio, no interior de alguns países Europeus e até mesmo nos Sertões brasileiros, onde a literatura de cordel ainda reina acima de qualquer escritura. Alguns supõem que a rixa gerou alguns conflitos violentos enquanto que outros defendem que o processo foi lento e sutil. Independente de como tenha sido, a realidade é que muita coisa se perdeu no processo. Sempre paramos para pensar horrorizados nos valiosos livros queimados em Alexandria. Se formos comparar, porém, as perdas de Alexandria não foram nada ante as centenas de culturas e religiões perdidas durante esse obscuro período.

Chegamos então no revisionismo do final do século XX. Revisionismo esse que ainda perdura e tem tentado resgatar tudo aquilo que poderia ter sido deixado pra trás antes que se dê um provável próximo passo. Dentre as coisas que os anos 90 começaram a resgatar temos alguns aspectos da literatura oral que tem sido a cada dia mais valorizados tanto no âmbito do popular quanto no âmbito da erudição. A linguagem da internet, por exemplo, tem sido identificada por diversos estudiosos contemporâneos como sendo muito semelhante a determinados aspectos da oralidade. Em um *chat* as pessoas escrevem como conversam e o mesmo se dá nos e-mails, no icq, no irc etc. A febre que filmes como *O senhor dos anéis* está causando tem inspirado mais e mais pessoas a aprender sobre o Rpg (*Roler playing game*), um jogo de interpretação de papéis onde um narrador conta uma longa história interativa em que todos os personagens participam, dialogam e agem.

Com efeito, embora não seja de fato uma febre de grandiosas proporções, o Rpg tem transmutado a velha rotina de grupos familiares se reunirem em torno da TV para algo muito mais antigo e especial que é se reunirem para contar histórias juntos. A interatividade proporcionada por esta pós-moderna modalidade de literatura oral é de longe superior a

interatividade limitada do controle remoto e tem resgatado, assim como a internet, velhas estruturas e tradições de linguagem. E isso é só o começo.

Ao observarmos as mídias e as pessoas ao nosso redor com atenção, não será difícil perceber que entre um livro e um filme as pessoas preferem o filme. O mesmo se dá e talvez até com mais frequência no que concerne à música. Os discos de Caetano Veloso vendem mais do que qualquer livro de Manoel de Barros. Se formos considerar ambos poetas, cada qual em seu âmbito, podemos deduzir então que Caetano, com sua tradição “bárdica”, tem sido mais ouvido do que qualquer outro poeta erudito. Não importa se a cúpula dos eruditos que compõem a crítica e a academia digam o contrário, pois não se trata de algo que se possa provar com papeladas e seminários, basta olhar as pessoas, nossa atual sociedade, e perceberemos que a Mtv é mais freqüentada do que qualquer biblioteca.

É claro que esse fato deixa ainda milhares de outros fatores a serem investigados e analisados por sociólogos, historiadores e bacharéis em letras. Nem é minha intenção desenvolver essas questões, mas sim mostrá-las pra que todos se conscientizem do grande erro presente no maniqueísmo que pairava nos primórdios da transição voz/escritura. É e sempre será um erro jogar uma tradição lingüística contra outra. Necessário se faz, portanto, que recebamos ambas as tradições de braços abertos sempre, usufruindo da melhor maneira tudo o que podem nos oferecer as fantásticas obras de um “Borges” ou um bom disco de “João Gilberto”. Finalizemos então com um trecho de Paul Zumthor:

“Ser moderno é julgar os homens e coisas em virtude do que eles têm ou do que lhes falta; é conhecer seus atributos a fim de domar-lhes o uso. Ser antigo (os dois termos se opõem no jargão escolar da época) é conhecer e julgar em virtude do ser e do nada. Pelo que concerne á poesia, a escritura parece moderna; a voz, antiga. Mas a voz *moderiza-se* pouco a

pouco: ela atestará um dia, em plena *sociedade do ter*, a permanência de uma *sociedade do ser*”.

Fabiano Moreira de Almeida

Compreendendo a linguagem, desenvolvendo a comunicação

Sabemos que a linguagem, seja ela qual for (verbal, não verbal, visual etc.), é o mecanismo utilizado para que a comunicação seja possível. Somos seres sociais e, como tais, precisamos nos comunicar.

A linguagem é considerada uma capacidade inata do homem; um fenômeno pesquisado pela lingüística e pelas ciências cognitivas.

Podemos perceber que não existe consenso quanto à origem da linguagem. Em seu artigo *O mito de Babel perante a ciência da linguagem*, Ângela Vaz Leão cita Coutinho ao considerar esse fato:

“A origem da linguagem é uma das questões que mais têm preocupado o espírito humano. Desde remota antigüidade, vem sendo discutida pelos sábios, sem que até agora hajam chegado a um acordo (...)” (COUTINHO, Ismael, 1962. P.23).

Entretanto, se a origem da linguagem não é definida, sua natureza inata é compartilhada em outro fragmento do mesmo artigo citado anteriormente:

“Os mitos das diferentes culturas nos contam como o homem chegou à posse do fogo ou como, por obra dos deuses, conseguiu a semente do trigo. Nenhum mito, porém, nos diz como o homem chegou à posse da linguagem. Isso, porque ele já nasceu com ela, em forma de dom, de potencialidade”. (LEÃO, 2001, p. 28)

O dom é uma dádiva, um presente concedido a alguém. Portanto partiremos do pressuposto de que o homem recebeu a linguagem de quem já a possuía. Consideraremos que o verbo, a palavra já estava presente desde a criação do mundo, segundo a tradição judaico-cristã:

“Segundo o Gênesis, a linguagem emerge no Éden, representada pelo Verbo divino criador e pela palavra humana nomeadora. Deus cria os seres pelo verbo e vai nomeando as entidades e os fenômenos cósmicos à medida que os cria: o dia e a noite, o céu, a terra e o mar. Adão dá nomes aos animais e às plantas, como depois dá nome à mulher”. (LEÃO, 2001. P.28)

Como, aos ouvidos do homem, foi lançada uma ordem: “sede fecundos, e multiplicai-vos” (Gênesis, 1:28), parece-nos que dentro dele uma carência, uma necessidade foi despertada: a necessidade de se comunicar.

Os objetivos da comunicação são inúmeros: pedimos, fazemos transações, ensinamos, informamos etc., utilizando diversos recursos como palavras, gestos, olhares e expressões faciais, músicas e outros.

Segundo LEÃO, op. cit., a língua é um sistema de signos a serviço da comunicação (p.28). Sobre a língua, PERINI acrescenta uma informação interessante: “as características de cada língua revelam alguma coisa da visão de mundo de seus falantes”. (PERINI, 2000)

Podemos perceber que nas diversas camadas sociais a língua é utilizada com um propósito específico. Estivemos em contato com crianças num trabalho voltado para os chamados “meninos de rua”. Foi surpreendente perceber que eles haviam criado um tipo de linguagem particular cujo código não conseguimos discernir, já que era um ajuntamento de vogais às palavras comuns, mas que soava como uma língua estrangeira. Nessa

ocasião ficou claro para nós que a linguagem estava sendo utilizada como mecanismo de proteção.

Em um outro momento, ao assistir um programa de TV, identificamos uma linguagem agressiva por parte de adolescentes que tinham como hábito “pichar” muros da cidade. Naquele discurso ficou claro o desejo de confrontar a sociedade rebelando-se contra ela.

Desenvolvendo uma percepção apurada e sensível poderemos compreender a mente humana através da linguagem utilizada em cada situação. Conseguiremos identificar desígnios e propósitos se tomarmos como válidas as palavras de Jesus, no livro de Lucas, afirmando: “(...) a boca fala do que está cheio o coração” (6:45). O que ouvimos, “o que a língua exprime é apenas uma parte do que ser transmitir” PERINI (2000).

Andréa C. R. Prado e Silva

Uma pena ao acaso

Com o título original em inglês *Being There*, o filme chega ao Brasil com o título *Muito além do jardim*. Com estória de Jack Schuwartzman, roteiro escrito por Jerzy Kosinsky, produção de Andrew Brawnsberg e direção de Hal Ashby, conta com a ótima atuação de Peter Sellers no papel de Chance (mais conhecido, com o passar do filme, como Chancey Gardner) e com uma ótima trilha de jazz (apresentando uma nova versão da clássica trilha de *2001: Uma odisséia no espaço*, de Stanley Kubrick).

Produzido em 1979, o filme ainda não apresenta as falhas estéticas que a grande maioria das produções cinematográficas dos anos 80 iriam apresentar. No elenco dos coadjuvantes, Shirley Mclaine interpreta Eve, a esposa de um velho milionário e moribundo à beira da morte.

O filme conta a história de Chance, um homem que trabalhou como jardineiro sua vida inteira, sem jamais sair de casa. Chance teria aprendido tudo que sabe através da televisão, o que o tornou um sujeito extremamente ingênuo, possuidor de uma aura de relativa pureza e excentricidade. Com a morte de seu patrão, é despejado e vai para as ruas, pela primeira vez em toda sua vida. Daí em diante, vai sendo guiado por uma série de incidentes casuais que o levam a um grande destino. Fica impossível não relacionar o personagem de Peter Sellers com um outro que viria dez anos mais tarde. Trata-se de *Forrest Gump*, que, representado pelo ótimo papel de Tom Hanks, chega a se igualar com *Being There* em vários pontos. Ambos os personagens são guiados pelo acaso, pois é justamente esse tipo de ingenuidade taoísta, de se deixar levar pela maré dos acontecimentos como uma pena ao vento (ilustração retirada a abertura do filme *Forrest Gump* e que ilustra muito bem esse

tipo de personagem), que torna marcantes personagens como “Chancey Gardner”.

A ingenuidade e a sinceridade de Chance são demonstradas o tempo todo com o passar do filme. Mesmo quando Eve, a bela mulher de seu anfitrião, se oferece a ele apaixonadamente, Chancey ainda prefere a boa e velha televisão, mãe de toda sabedoria (ao menos era assim que ele enxergava a mãe de todo o entretenimento).

O longa metragem de Hal Ashby apresenta o tempo todo o choque: televisão e entretenimento versus realidade e dor. Além das referências já citadas, torna-se obrigatório também para o surgimento de filmes como *Ed Tv* e até mesmo *Réquiem para um sonho*, onde esse choque é explorado de outras maneiras. De uma forma ainda mais cômica como no primeiro, ou ainda de uma forma dramática e pesada como o último.

O filme termina com um intrigante final, em que Chance acaba conquistando uma espécie de redenção, como um tipo de messias ou santo moderno. Mesclando o drama da dura existência com fatores sutis de comédia, *Muito além do jardim* pode, sem qualquer dúvida, ser considerado um clássico do final dos anos 70, ao lado de filmes como *Operação França* e *Easy Rider*.

Enquanto Peter Sellers prosseguia crescendo cada vez mais em sua carreira de ator durante a década de 70, o diretor Hal Ashby produziu, dirigiu e até participou como figurante em mais uns seis filmes de pouco sucesso na crítica e na imprensa. *Being There* certamente é e sempre continuará sendo o seu mais marcante legado para a sétima arte.

Fabiano Moreira de Almeida

Voz e Representação no Romance *Cidade de Deus*

“O problema da representatividade, portanto, não se resume à honestidade na busca pelo olhar do outro ou ao respeito por suas peculiaridades. Está em questão a diversidade de percepções do mundo, que depende do acesso à voz e não é suprida pela boa vontade daqueles que monopolizam os lugares de fala”. (DALCASTAGNE, Regina. p.34)

A questão da representação na Literatura já se faz presente na República de Platão, sendo mais tarde problematizada pela Poética de Aristóteles, o que ilustra bem a extensa bibliografia a respeito de tal tema. O que é, literariamente, representar? Até que ponto pode-se pensar no escritor como índice (passivo ou dinâmico) de um processo de construção de significados, de representação de um real que, na visão contemporânea de Lacan e Barthes, tornou-se objetivo inalcançável, matéria intangível, acessível somente através da linguagem que ainda mais o falseia e mascara? Estas são perguntas para as quais não tenho resposta, nem tampouco as encontro nas páginas cheias, impregnadas de realidade e ficção que compõem o livro *Cidade de Deus*. Também não sei como precisar as vozes que, como no mais mortal silêncio de um vírus assassino e impiedoso, mostram-se no interior do romance como que a devorá-lo, e a nós junto, saltando com “indizíveis” vigor e autenticidade, gerando nos “ingênuos” leitores, “cocotinhas” da cidade, uma relação de contigüidade que desconforta e amedronta, obrigando-os a olhar de frente, como nunca antes, uma realidade-ficção aquém de toda a sua compreensão “globalizada” de um espaço onde se amontoam mais e mais pessoas a cada dia.

Não há como negar o fato de que o romance *Cidade de Deus*, obra de cunho etnográfico, apresenta fortes índices que

apontam para uma “visão de dentro” reveladora da experiência criativa do autor-morador do conjunto habitacional que dá nome ao livro. A própria estrutura da narrativa, como a câmera subjetiva de um repórter de jornal policial, funciona como um vértice que atrai inexoravelmente o leitor para dentro das escuras e apertadas vielas, dos casebres minúsculos e dos matagais que servem de refúgio nas incontáveis fugas. Pego desta forma e jogado no “olho do furacão” que é a narrativa de aventura (aventura sinistra, nos moldes dos inúmeros *Reality Show* tão comuns cotidianamente na mídia) que conduz as histórias/estórias, o leitor, como o autor-morador, perde o distanciamento “seguro” e assiste à narrativa como testemunha ocular, se esquivando dos tiros, correndo e saltando muro após muro, partilhando do silêncio feito de medo e desprezo que tanto auxilia quanto condena os bandidos e os inocentes, porém nunca ausentes, moradores do conjunto que se transformou em favela. Afirmar, no entanto, que *Cidade de Deus* (apesar de seu retrato cru da realidade e do fato de seu autor haver sido morador do conjunto) é uma narrativa periférica, me parece uma classificação que apresenta muitos problemas.

Produzido por Paulo Lins, escritor negro e pobre, à margem dos círculos literários tradicionais, trazendo à tona vozes que o público tradicional prefere ver silenciadas, numa perspectiva que torna este mesmo leitor uma “testemunha ocular” dos mais cruentos atos, o romance até que poderia ser (devido ao seu sucesso em versão cinematográfica) o representante de uma literatura periférica, a prova definitiva e irrefutável da força literária da escrita marginal, que se firma com seus valores e defeitos exigindo um “lugar ao sol” da Instituição Literária e contribuindo com seu próprio sangue (muito sangue, por sinal) para uma “revitalização” das engessadas formas de fazer literário. O que jamais se deve perder de vista, porém, é que o romance *Cidade de Deus* ganha vida, nasce e toma forma cercado, amparado e mesmo conduzido pela academia, quer

pelo material inicial do livro, que o autor diz ter extraído de um projeto de pesquisa sobre violência da antropóloga Alba Zaluar (e ele foi escolhido como pesquisador de campo devido à sua formação universitária), quer pelo interesse e posterior “apadrinhamento” do crítico literário Roberto Schwarz que o indicou para uma bolsa de incentivo artístico (a Bolsa Vitae de artes), quer pelo estudo obstinado que o autor disse ter feito da gramática e dos “clássicos” literários para tapar os “buracos” de sua formação. Paulo Lins, o homem, este é sim, morador de periferia, e sua vida reflete dia a dia os embates que sua escrita explicita. Porém o Escritor Paulo Lins, em minha opinião, não é um escritor periférico, nem seu romance pode ser chamado de narrativa periférica. Estão ambos, autor e texto, desde o início imersos na tradição literária, sendo por ela influenciados, dela estando cientes e conscientes, sendo com ela, também, condescendentes. Na Retórica, Aristóteles afirma que “importa dar ao estilo um ar estrangeiro, uma vez que os homens admiram o que vem e longe e a admiração causa prazer”. Aqui se situa a questão da representação no livro *Cidade de Deus*: no “ar estrangeiro” que gera o estranhamento no leitor e se transforma, pela força e veracidade das vozes presentes no texto, em um “texto de gozo”, na acepção barthesiana do termo.

Fabiano Moreira de Almeida

A Solidariedade é a Mãe de todas as Virtudes

Em tempos de globalização e massificação; de acirrados individualismos, as virtudes como a Coragem, a Persistência e outras tantas ligadas ao mérito pessoal têm sido muito valorizadas. A maior de todas as virtudes, porém, a Solidariedade, tem sido pouco exaltada e seu exercício cada vez menos freqüente e limitado. Doações aos famintos, aos flagelados, aos menores de rua, nas quais muitas vezes empregamos aquilo que nos sobra ou não nos é mais útil, têm sido confundidas com ações solidárias, quando se tratam, isto sim, de ações de Misericórdia, virtude também necessária e louvável, porém restrita à ajuda material e ao apoio espiritual àqueles que sofreram tragédias, aos doentes e desvalidos. Também têm sido confundidas com solidariedade, infelizmente, as diversas ações e doações vultosas que personalidades do mundo político e artístico fazem em momentos de calamidade e tragédia. Tais ações, entretanto, não passam de autopromoção, auto-afirmação, revelando em seu âmago não uma virtude, mas o desvirtuamento da Caridade em benefício do narcisismo, do egocentrismo.

O apóstolo Paulo, em sua Segunda Carta aos Coríntios, ressalta a futilidade do conhecimento, da glória, das posses materiais e de todas as virtudes sem que haja o amor, o amor pleno que pressupõe dividir e compartilhar experiências e recursos na caminhada da vida. É este amor que mais adequadamente pode expressar a virtude da Solidariedade: Aquele que constrói para a humanidade, que caminha junto ao semelhante e lhe estende a mão, não para erguê-lo, mas para ampará-lo e amparar-se pelos percalços da vida. Exemplo deste Amor Solidário é a história de uma campeã da solidariedade em nossos dias: esta mulher,

nascida numa pequena cidade da Macedônia em 1910 e educada numa escola estatal da Croácia nos anos da primeira grande guerra, partiu, aos 21 anos de idade, da Europa para um dos países mais pobres da terra naquela época, a Índia, e, com o nome de Irmã Tereza dedicou sua vida aos mendigos e párias, aos excluídos da cidade de Calcutá. Aos trinta e seis anos, Irmã Tereza se afastou da ordem religiosa a que pertencia e foi morar no gueto, onde, de 1948 a 1997, construiu um “império” de caridade e misericórdia do qual ela, sob austeros votos de simplicidade e pobreza, disseminou pelo mundo a chama da verdadeira Solidariedade. Esta mulher simples e frágil conquistou, pela Solidariedade, fama e títulos almejados por egos ávidos de poder e fama: foi condecorada por inúmeros governos, doutorada por outras tantas Universidades, reconhecida pelo Papa e ganhadora do Prêmio Nobel da Paz. E o que ela fez de tudo isto: mais doações, mais caridade, compaixão; usando todos os títulos, fama, deferências, para mais ajudar a todos que a cercavam. Esta mulher, conhecida por Madre Tereza de Calcutá, fundadora da Ordem das Missionárias da Caridade, elevou até o mais alto nível a virtude da Solidariedade.

Desta forma, levada ao seu extremo, a Solidariedade supera todas as virtudes: é a suprema Coragem contra os preconceitos, é a ilimitada Temperança que se tem para com o outro, enfim, é a maior de todas as Misericórdias, é o homem que se coloca ao lado do outro para ampará-lo, socorrê-lo, aconselhá-lo na breve viagem de suas existências.

A Solidariedade não tem cunho religioso. Não espera recíproca nem almeja recompensas, seja neste ou noutro mundo. Os homens solidários andam juntos e seu caminhar recompensa e justifica a todos. A Solidariedade pressupõe igualdade, humildade e discernimento para reconhecer aquilo de que o outro necessita; abnegação e comprometimento para que possamos ajudá-lo e também sabedoria para que reconheçamos nossos limites e trabalhemos a fim de superá-los.

Uma mão estendida pode ser uma força extra ou um pedido de ajuda e o homem solidário está sempre aberto a estas duas possibilidades: sabe ajudar e não teme pedir ajuda – coisa muito comum nos dias atuais – sabe aconselhar, mas também ouvir com humildade e aplicar conselhos recebidos; não sente vergonha em dividir suas fraquezas, pois também compartilha sua força e seus talentos. A Solidariedade potencializa os talentos para que o homem possa servir a humanidade com o mais alto grau de todas as suas virtudes.

Sebastião Raymundo da Silva